

MARIA DO CÉU CHINGANOVE CHIMBEYA SOUSA

**O AUTO-CONCEITO EM CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR DA PROVÍNCIA
DE BENGUELA DOS 8 AOS 16 ANOS**

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – NORTE

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

2012

LOMBADA

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE NORTE	O Auto-Conceito em Crianças em Idade Escolar da Província de Benguela dos 8 aos 16 Anos	Maria do Céu Chinganove Chimbeya Sousa	2012
--	--	---	-------------

**O AUTO-CONCEITO EM CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR DA PROVÍNCIA
DE BENGUELA DOS 8 AOS 16 ANOS**

MARIA DO CÉU CHINGANOVE CHIMBEYA SOUSA

Dissertação apresentada ao Departamento de
Psicologia do Instituto Superior de Ciências da
Saúde – Norte para a obtenção do grau de Mestre
em Psicologia Clínica e da Saúde

ORIENTADOR: Prof. Doutor JOSÉ CARLOS CALDAS

PORTO, 2012

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos são dirigidos em primeiro lugar, à Deus pela sapiência e dom da vida.

De igual modo são extensivos, naturalmente ao professor doutor José Carlos Caldas, orientador deste trabalho, pelo apoio, incentivo e paciência que sem o qual não seria possível a concretização deste trabalho de investigação.

Agradeço igual modo os directores das escolas do 1º ciclo Comandante Augusto Chipenda, do ensino primário das Paróquias de S. António e Nossa Senhora da Nazaré, do Município de Benguela, da escola do 1º ciclo do Canto do Município da Baia-Farta e da escola do 1º ciclo do Município do Bocoio, pela forma simpática e calor prestado, permitindo a recolha dos dados em algumas turmas e, igualmente para todos os professores e alunos que aceitaram participar, ajudando-nos assim na recolha destes dados.

Ao meu esposo e filhos pela compreensão e carinho demonstrado durante as minhas ausências para que este trabalho fosse um êxito.

A todos os colegas do mestrado de psicologia que comigo labutaram em troca de ideias, opiniões os meus agradecimentos.

E todos aqueles que de alguma forma, directa ou indirecta me apoiaram ao longo deste processo.

RESUMO

O auto-conceito é considerado na literatura como um construto multidimensional de elevada importância na formação da personalidade dos indivíduos.

Considerando a importância desse constructo, o objectivo deste estudo foi, por um lado de efetuar a adaptação e verificar as qualidades psicométricas da Escala de Auto-conceito para Crianças e Adolescentes “*O que eu acho de mim*“, adaptação portuguesa (Veiga, 1989/1990) da *Children’s Self-concept Scale* de Piers-Harris (Piers, 1984), por outro, de verificar se existem diferenças no auto-conceito de crianças em idade escolar (N = 450) dos Municípios de litoral e do interior da Província de Benguela, de acordo com variáveis demográficas (género, idade e meio de residência).

Participaram nesta pesquisa um total de 450 crianças de ambos sexos, com idades compreendidas entre os 8 e os 16 anos, sendo 225 crianças do meio rural (Municípios do interior) e 225 do meio urbano (Municípios do litoral)

Os resultados obtidos da presente investigação revelaram boas qualidades psicométricas do instrumento para a população angolana, com valores elevados de consistência interna inter itens (alpha de Cronbach = 0,67) e item-total da escala ($r = 0,65$ a $0,67$). Quanto às diferenças de auto-conceito por género, idade, faixas etárias e meio de residência, constataram-se diferenças estatisticamente significativas entre meio de residência, $t(391) = 3,165$, $p = 0,002$, sendo que as crianças e adolescentes do meio rural (media = 114,48) apresentam um auto-conceito mais baixo do que as de meio urbano (media = 116,63) e quanto a idades, $F(8) = 2,085$, $p = 0,036$, sendo que tais diferenças se situam entre as idades de 14 anos (média = 116,90), a qual apresenta médias superiores à de 15 anos (média = 112,53). Contrariamente aos resultados provenientes da literatura analisada, não se encontraram diferenças significativas entre géneros.

Palavras-chaves: auto-conceito, desenvolvimento infantil, educação, personalidade.

ABSTRACT

The self concept is considered in the literature as a construct multidimensional high importance in the formation of the individuals' personality.

Considering the importance of that construct, the objective of this study was to adapt and verify the psychometric characteristics of the Escala de Auto-conceito para Crianças e Adolescentes “*O que eu acho de mim*”, portuguese version (Veiga, 1989/1990) of the *Children's Self-concept Scale* de Piers-Harris (Piers, 1984), and also to verify the existence of differences in self-concept of school aged children (N = 450) from litoral and interior zones of Benguela Province, taking into account demographic variables (gender, age and place where they live).

The participants in this research were a total of 450 children of both sexes, aged between 8 and 16 years, 225 children of the rural area (Municipal districts of the interior) and 225 of the urban area (Municipal districts of the coast)

Our results show good psychometric qualities of this instrument for the Angolan sample, presenting good values as far as it concerns internal consistency between itens (Cronbach's alpha = 0,67) and item-total of the scale ($r = 0,65 - 0,67$). As far as it concerns differences in self concept by gender, age and area of residence, we found statistically significant differences between residence areas, $t(391) = 3,165$, $p = 0,002$, where children from rural areas ($m = 114,48$) showed a lower self concept than children from urban areas ($m = 116,63$) and also between ages, $F(8) = 2,085$, $p = 0,036$, where the differences are between age group 14 years ($m = 116,90$), with higher values of self concept, compared to age group 15 years ($m = 112,53$). Contradicting the results of other investigations we didn't find differences between genders in self-concept.

Key-words: self-concept, infantile development, education, personality

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Médias e DP por idades.	30
Tabela 2. Tabela 2. Distribuição por género.....	31
Tabela 3. Distribuição da Amostra por meio Habitacional.....	31
Tabela 4. Matriz fatorial e respetivas cargas.....	35-37
Tabela 5. Distribuição dos resultados totais na Amostra Total.....	37
Tabela 6. Distribuição dos resultados totais por idades.....	38
Tabela 7. Distribuição dos Resultados Totais por Meio de residência.....	38
Tabela 8. Distribuição dos Resultados Totais por género.....	38
Tabela 9. Comparação do auto-conceito Global Quanto ao Género.....	38
Tabela 10. Comparação do auto-conceito Global Segundo o Meio.....	39
Tabela 11. Comparação do auto-conceito global por idades.....	39

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	2
Resumo.....	3
Abstract.....	4
Índice de tabela.....	5
<u>Eco, H.(1997).Como se faz uma tese em ciências humanas, Editorial presença.</u>	<u>44</u>
<u>Piers, E. & Harris, D (1969), tradução Portuguesa de Veiga, F, 1989, texto de apoio- Serviço de Defectologia- Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra.....</u>	<u>44</u>

INTRODUÇÃO

No decorrer do desenvolvimento humano, uma pergunta constante encontra-se centrada na descrição que o homem faz das suas características e uma das mais significativas interpretações da personalidade localiza-se na construção de si mesmo, sendo uma das funções mais importantes da personalidade, da motivação, do comportamento e do desenvolvimento mental.

Shaffer (1996) assinala que o auto-conceito está longe de ser estático. Transforma-se como resultado do processo contínuo de auto observação.

Para ele, a maior parte das transformações ocorrem durante a infância, pois é neste período que são lançados os fundamentos essenciais para o desenvolvimento psico-social do indivíduo e é neste período que a criança é mais vulnerável à avaliação do outro.

É sabido que a escola significa para a criança uma grande ampliação de sua esfera de relações e para a qual ela traz uma história de experiências anteriores que lhe permitiram desenvolver uma determinada visão sobre si mesma. Nesse sentido, na escola, conhecerá outras crianças com as quais compartilhará uma parte considerável de sua vida e estabelecerá importantes relações com adultos que não pertencem a sua família, nem às suas relações mais próximas.

A criança, então, recebe as avaliações de seus professores, colegas e pais sobre suas habilidades e sucessos acadêmicos e, com base nelas, constrói uma visão de si mesma como aluno (Cubero & Moreno, 1995, cit. in Carneiro, Martinelli & Sisto, 2003). Como a criança passa grande parte de seu tempo na escola com seus colegas e professores sua aceitação ou rejeição ou os valores que lhe são atribuídos, incidem sobre a formação da sua auto-avaliação.

A escola tem como papel fundamental não somente fazer com que a criança aprenda a lidar com as exigências cognitivas que lhe são cobradas, mas também com a necessidade de se integrar a esse novo mundo social. Diversas investigações têm mostrado que muitas dificuldades escolares, se relacionam com o auto-conceito.

Para Sisto e Marttinelli (2004, *cit. In* Cunha & Sisto, 2007), o auto-conceito neste estudo foi entendido como um produto da interacção entre a pessoa e seu meio ambiente, durante seu processo de construção social e ciclo de vida, acompanhado de uma avaliação de suas capacidades, realizações, experiências e representações. com relação a evolução do auto-conceito sofre influencia do ambiente familiar, escolar e social.

Também faz parte de um consenso o facto de que o auto- conceito começa a ser construído na infância. Assim pode-se dizer que não se nasce com um conceito próprio, predeterminado, mas que ele se desenvolve no decorrer da vida. Nesse sentido, Coopersmith (1967, *cit in* Cunha, Sisto, 2007) afirma que as crianças recebem informações sobre si mesmas dos adultos significativos em sua vida e que dessas impressões recebidas desenvolvem uma imagem positiva ou negativa sobre si mesmos. Dessa forma o auto- conceito é fortemente influenciado pelas relações sociais que se travam entre o indivíduo e o meio no decorrer de sua existência

Por outro, diferentes contextos de desenvolvimento, como a família, terão uma grande importância no desenvolvimento do auto- conceito. Assim, crianças com auto- estima elevada geralmente, obtêm melhores desempenhos na escola, vêm-se mais responsáveis pelos próprios fracassos e sucessos, possuem mais amigos, percebem seu relacionamento com seus pais de forma mais positiva, são mais competitivas e quando atingem a adolescência, tendem a alcançar uma identidade realizada.

Dessa forma, concordamos com os autores quando afirmam que o auto-conceito integra e organiza a experiência do indivíduo, regula seus estados afectivos e actua como motivador e guia do comportamento. É principalmente sobre esse aspecto da regulação do estado afectivo como motivador e guia do comportamento do indivíduo, enfocando a criança na idade escolar, que pretendemos tratar o auto- conceito em crianças em idade escolar.

Situado que está o auto- conceito como um constructo psicológico que influencia diferentes aspectos de vida da criança e do adolescente (sociais, escolares...) e uma vez que não existem em Angola nem estudos nem instrumentos aferidos à nossa população que dêem conta do auto- conceito em

crianças e adolescentes angolanos, decidimos levar a cabo um estudo exploratório em que, baseando-nos numa amostra de 500 crianças e adolescentes angolanas residentes na província de Benguela e provenientes de meio urbano e rural, pretendemos por um lado verificar as características psicométricas da Escala de Auto- Conceito de Piers-Harris para a nossa população, por outro, estabelecer normas para a população angolana e, finalmente explorar o auto- conceito nesta mesma amostra e verificar se existem diferenças de idade, género e meio de residência relativamente ao auto- conceito.

O trabalho que de seguida apresentamos encontra-se organizado da seguinte forma: na primeira parte apresenta o capítulo I com enquadramento teórico e os conceitos e constructos relevantes a esta temática e a segunda parte abarca, o capítulo II, com o enquadramento metodológico, onde figuram os objectivos, o desenho, participantes, o instrumento utilizado na investigação, escala de auto-conceito” o que acho de mim”, de Piers – Harris, Children`s Self-Concept Scale (Piers, 1984) bem como os procedimentos ao utilizar o instrumento, no capítulo III a apresentação dos resultados e no capítulo IV a discussão dos resultados e conclusão. Finalmente vem as referências Bibliográficas e os anexos.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I

1.1. Definição de conceitos e constructos teóricos relevantes

A finalidade deste capítulo é a de fazer uma abordagem aos distintos enfoques teóricos do auto-conceito aplicado à criança, quanto à sua realização nos diversos domínios da existência, entre eles o psicológico, o físico e o social. De facto, poder analisar e compreender a importância deste estudo parece conduzir a uma melhor aceitação de si próprio, para além de permitir um maior aproveitamento da competência pessoal, pois os indivíduos que reconhecem e valorizam a sua competência têm mais probabilidades de a rendibilizar.

Os avanços no desenvolvimento do conhecimento de si mesmo estão relacionados com as crescentes capacidades cognitivas da criança e com as interações sociais que mantem, que são cada vez mais ricas e diferenciadas. Na adolescência, a possibilidade de reflectir a respeito dos próprios pensamentos e sentimentos representam a capacidade definitiva e necessária para enriquecer o conhecimento de si (Hidalgo & Palácios, 1999, *cit. in* Ferreira, 2006)

1.2. Constructos Teóricos mais próximos

a) *Self*. Segundo Dias & Fontaine (2001), o self consiste no modo como as outras pessoas nos vêem e a maneira como nos vemos a nós mesmos.

b) *Auto-estima*. Moreira (2001) denomina a auto-estima como a avaliação que fazemos de nós próprios. Quando a auto-estima é positiva provoca sensações positivas, como níveis de conforto, favorece níveis de segurança internos e proporciona um bem-estar consigo mesmo.

c) *Auto- percepção*. Refere-se as ideias, imagens e crenças acerca de si próprio (Moreira (2001). Estas Auto- percepções formam-se através da interação da criança com o meio.

d) *Auto-confiança*. É a capacidade de confiar em outras pessoas assim como a si próprio (Dias & Fontaine, 2001). É a antecipação de se ter capacidade para ultrapassar dificuldades e obstáculos.

e) *Auto-aceitação*. Para (Dias & Fontaine, 2001), é o valor que o individuo atribui a si próprio. Portanto é uma pessoa gostar dela própria, ter respeito por ela e considerar-se como pessoa de valor.

d) *Auto- imagem*. Consiste na forma como nos vemos a nós próprios através do espelho das opiniões e expectativas dos outros - mãe, pai, irmãos e amigos - que têm importância para a nós (Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2003)

e) *Auto- eficácia*. Permite ao indivíduo perceber-se como autor e agente do processo de construção da aprendizagem (Faria,2005)

1.3.Definição do auto-conceito

Existem várias ideias para definir o constructo de auto-conceito, apresentado por vários autores que no meu ponto de vista, culminam na mesma convergência.

O auto- conceito caracteriza-se como sendo a percepção que o indivíduo tem de si próprio e, em termos específicos, as atitudes, os sentimentos e o auto-conhecimento acerca das suas capacidades, competências, aparência física e aceitabilidade social (Byrne, 1984, Faria, 2002, Marsh &Hattie, 1996, *cit in* Faria, 2005).

Segundo Pajares e Miller (1994 *cit in* Silva, 2011) o auto- conceito é um conjunto de crenças de auto valorização, associados á competência percebida de um sujeito.

Villa Sanchez e Muracho(1999, *ci.t in* Silva 2011), definem o auto conceito como o conjunto de atitudes que um individuo tem para consigo mesmo e que é composto por elementos cognitivos, afectivos e comportamentais com uma influência decisiva na maneira como cada um percebe os acontecimentos, os objectos e as outras pessoas no seu meio ambiente.

Segundo Schaffer (1996), o produto dos nossos esforços de formação é o auto-conceito, que se refere aos aspectos cognitivos da auto- estima e exprime o conhecimento subjectivo que os indivíduos têm de si próprios enquanto seres psicológicos e físicos. É a resposta à pergunta «quem sou eu?»

Ainda, no mesmo pensamento, Dias & Fontaine (2001),define como um conjunto de ideias que o individuo tem sobre si. É um sistema motivacional, na medida em que certas características ou dimensões do Self são desejadas, servindo de motor.

Piers (1984) define o auto-conceito como um conjunto de percepções conscientes que as crianças e adolescentes têm de si próprios, dos seus comportamentos e dos seus atributos. Estas percepções desempenham um papel importante na organização e na motivação do comportamento, dão origem a um conjunto relativamente estável e consciente de atitudes auto-avaliativas (cognições) e de sentimentos (afectos).

Para este autor estas atitudes e estes sentimentos são necessários para a compreensão da personalidade e para o prognostico de comportamentos futuros, por exemplo, ao nível da satisfação do individuo consigo mesmo, do relacionamento interpessoal ou do rendimento escolar.

2. Desenvolvimento

2.1.Desenvolvimento do auto-conceito em Crianças e Adolescentes

No decurso do desenvolvimento, a criança tem de aprender a assumir a responsabilidade pelo seu próprio comportamento. Como o faz é um problema

de profundo interesse teórico, já que o emergir da capacidade de auto-regulação é um marco particular da infância e representa uma conquista de grande complexidade. É também um problema com implicações práticas consideráveis, porque o fracasso no desenvolvimento de uma tal capacidade pode dar origem a criaturas impulsivas, egocêntricas e anti-sociais, que no futuro continuarão a exprimir todos os seus caprichos e a exigir a satisfação imediata que normalmente se espera de crianças muito mais jovens (Schaffer, 1996).

Todos nós temos um tipo de imagem do género de pessoas que acreditamos que somos. Para (Schaffer, 1996) o modo como as crianças concebem o Eu, varia consoante a idade e depende do estágio de desenvolvimento cognitivo alcançado. A partir dos 7 anos as crianças referem-se à características psicológicas, tais como as faculdades, as convicções e as disposições. Esta tendência aumenta repentinamente nos primeiros anos da adolescência quando se torna evidente uma preocupação muito maior com o Eu e quando as emoções interiores e os motivos sociais são muito mais realçados nas auto-descrições, a exemplo de: *sou infeliz e muito sozinho mas esforço-me para ser útil aos outros*. Assim, os adultos desempenham um papel crucial, ajudando as crianças a conseguirem o controlo do seu próprio comportamento.

Sprinthall e Sprinthall (1993) salientam que a forma como o adolescente se vê a si próprio isto é, o seu auto-conceito, pode ser descrito de acordo com duas dimensões do pensamento egocêntrico:

- 1- Fabula pessoal que é uma crença profundamente enraizada na distintividade e unicidade da sua própria pessoa
- 2- A audiência imaginaria refere a crença do adolescente de que todos os outros no mundo estão preocupados com a sua aparência pessoal e com o seu comportamento.

Para Bowlby (*cit. in* Schaffer, 1996), o modelo que a criança possui de si própria é construído a partir dos relacionamentos interpessoais. Uma mãe que rejeita e é punitiva fará a criança sentir-se falhada e inútil; se o seu Eu não é

aceitável aos olhos da figura vinciativa, a experiência terá um impacto negativo no modo como a criança constrói a sua própria imagem.

Quadro 1. Progressão do auto- conceito durante a infância (adaptado de Schaffer, 1996)

de	a	Descrição da transformação
Simple	Diferenciado	As crianças mais novas formam conceitos globais; as mais velhas fazem distinções mais minuciosas e admitem as circunstâncias
Inconsistente	Consistente	As crianças mais novas têm mais probabilidades de alterar a auto avaliação; as outras crianças valorizam a estabilidade do auto-conceito
Concreto	Abstracto	As crianças mais novas concentram-se nos aspectos exteriores, visíveis e físicos; as mais velhas nos aspectos interiores, invisíveis e psicológicos
Absoluto	Comparativo	As crianças mais novas concentram-se no eu sem terem os outros como referencia; as mais velhas descrevem-se em comparação com os outros
O Eu publico	O Eu privado	As crianças mais novas não distinguem entre os sentimentos privados e o comportamento público; as mais velhas consideram o Eu privado como o verdadeiro Eu

Com a entrada na adolescência, em consequência do desenvolvimento cognitivo e do pensamento característico das operações formais, existe novas possibilidades oferecidas pela capacidade de abstracção. As auto- descrições concretas, centradas em aspectos comportamentais e externos, características das crianças, são substituídas, na adolescência, por auto- descrições mais abstractas e centradas em aspectos internos e psicológicos dos comportamentos (Harter, 1983, *cit. in* Faria, 2005).

Ora, se esta passagem do concreto e observável para o abstracto, não observável e hipotético, é considerada um avanço em termos cognitivos, também pode representar, tal como todos os aspectos do desenvolvimento, uma “*faca de dois gumes*” para o individuo, pois o mais desenvolvido traz consigo o não observável, o abstracto, logo, as auto- descrições estão mais sujeitas, na adolescência, a distorção e a enviesamentos cognitivos, o que pode implicar que o auto- conceito do adolescente se possa tornar mais irrealista e, até, conduzir a comportamentos desajustados, (Harter, 1993 *cit. in* Faria, 2005).

Assim temos adolescentes que desvalorizam as suas capacidades, que não acreditam em si próprios e que, por isso, abandonam, desistem e evitam as situações que os desafiam e que podem pôr em causa o seu auto- conceito, desenvolvendo reacções emocionais desajustadas, ansiedade, depressão.

Até aos primeiros anos da adolescência, é atribuído o máximo significado às características sociais e a partir do meio da adolescência existe uma preocupação crescente com as características psicológicas à medida que o indivíduo se vira para o interior e começa a pensar o Eu, prioritariamente, em termos de traços e disposições pessoais.

O desenvolvimento e a diferenciação do auto-conceito, na transição da infância para a adolescência, acarretam desafios que é importante sustentar e resolver, pois a promoção do auto- conceito passa pelo desenvolvimento de processos de aquisição de autonomia por parte do indivíduo.

As expectativas irrealistas e os padrões inadequados de auto- aceitação são influenciados pelos contextos de vida (família, escola e sociedade) e estes nem sempre nos fazem sentir bem. Por vezes, a sua mudança em nosso proveito é difícil, quando não é praticamente impossível. Nestas situações, o afastamento pode ser proveitoso para o nosso bem- estar, isto é, vale a pena recusar a tolerância ou a aceitação de ambientes e situações que nos façam sentir incapazes e inadequados.

A promoção de análises diversificadas das situações de realização, fazendo apelo a explicações multideterminadas para os sucessos e para os fracassos,

pode facilitar os sentimentos de auto-controlo e de auto-eficácia, permitindo ao indivíduo perceber-se como autor e agente do processo de construção da aprendizagem, em vez de mero espectador, fruto das circunstâncias. Quanto maior for o envolvimento dos sujeitos nos processos de aprendizagem que ocorrem em qualquer contexto, maior será a probabilidade de retirarem reforço positivo da sua realização, maior será a sua capacidade de auto-análise e de análise do processo de aprendizagem e maior será o seu sentimento de competência pessoal e de autonomia

Ou seja, o desenvolvimento de um auto-conceito está relacionado com uma série de factores dos contextos de vida do adolescente:

- 1- O *feedback* dos outros significativos acerca da competência pessoal (e.g., a opinião dos pares, a que os adolescentes são particularmente sensíveis, e a dos pais);
- 2- A comparação com os outros;
- 3- A pressão do contexto escolar, que se torna progressivamente mais exigente, normativa e competitiva.

No entanto, refira-se que a aceitação do carácter multidimensional do auto-conceito não põe em causa o reconhecimento da possibilidade dos indivíduos fazerem uma avaliação global de si próprios, dependente da síntese pessoal das suas experiências nos vários domínios da existência. Portanto, o auto-conceito global representará um sentimento de valor pessoal que não se resume à soma objectiva das partes, exigindo a elaboração de uma síntese do valor pessoal global a partir dos vários domínios do auto-conceito (Faria, & Fontaine, 1992, 1995, *cit. in* Faria, 2005).

Na verdade, o adolescente desenvolve diferentes auto-conceitos em função dos diferentes papéis sociais que tem que assumir, entre outros, por exemplo, como filho, aluno, colega, namorado. Assim, as várias medidas de avaliação do auto-conceito abrangem múltiplas dimensões, que vão aumentando à medida que avançamos no ciclo de vida.

Deste modo, a diferenciação do auto- conceito, característica da adolescência, exige integração, organização e estruturação, para que o adolescente possa construir um Self uno e consistente ao longo das várias situações de vida e no desempenho dos diferentes papéis sociais, pois apesar dos múltiplos auto-conceitos, que por vezes o levam a questionar-se acerca de qual será o seu verdadeiro Eu, o adolescente necessita de fazer a respectiva integração num todo coerente e organizado, internamente consistente, que podemos definir e designar como a tarefa de construção de uma teoria pessoal acerca do Self (Epstein, 1973, *cit. in* Faria, 2005).

Portanto, a procura da coerência e da integração dos diferentes auto-conceitos é acompanhada, durante a adolescência, pelo aumento da introspecção, pela testagem de hipóteses acerca de si próprio, na procura do - verdadeiro Eu, pela capacidade de se observar e auto avaliar, bem como pela tomada de perspectiva social, que torna possível perceber a posição dos outros acerca de si mesmo. Ou seja, o adolescente é levado a considerar as suas experiências como únicas e diferentes, na procura da separação e das fronteiras entre o Self e nos outros, preocupando-se consigo e com as suas vivências, encontrando assim os aspectos de si próprio susceptíveis de evolução e de desenvolvimento (Harter, 1993, *cit. in* Faria, 2005).

2.2. Teoria de Vinculação

Segundo várias investigações acerca da infância, esta é considerada uma fase muito importante para um saudável desenvolvimento da criança, pois é a fase mais vulnerável e mais crítica do desenvolvimento, sendo nesta etapa que se constituem as bases da vida psicológica necessárias ao desenvolvimento intelectual, emocional e moral.

Como parte integrante do desenvolvimento, deve salientar-se o importante contributo da vinculação que a criança estabelece com os seus significativos, pois esta é a base, o suporte da personalidade que está a desenvolver-se em cada uma, e que fará destas crianças, adultos mais ou menos adaptados.

A teoria psicanalítica de Freud parece-nos uma das mais importantes teorias, pois consegue conjugar e explicar a importância que o estabelecimento das relações mais precoces, têm na futura personalidade que a criança irá possuir.

Segundo Berger, (2003, *cit. in* Lopes, 2009), Freud salienta que são principalmente os primeiros dois ou três anos de vida da criança, aqueles que têm maior importância na formação da personalidade. Para explicar este e outros aspectos, que se encontram intimamente ligados, o autor recorre às relações que se estabelecem entre pais e filhos. Mas mais do que esta relação, Freud dá grande importância à relação mãe-filho, pois para ele se a relação for inadequada, poderá provocar consequências muito negativas na vida futura da mesma.

A afectividade tem a sua origem na energia instintiva e de natureza libidinal que vai procurar o prazer e a satisfação através do investimento em diferentes objectos, nomeadamente, os objectos humanos, mostrando ao longo do tempo e cada vez mais, a sua natureza sexual. O carácter dum indivíduo é assim determinado pelo seu passado evolutivo que consiste essencialmente num desenvolvimento da afectividade (Tran-Thong, 1987, *cit. in* Lopes, 2009).

Actualmente sabe-se que no desenvolvimento da relação mãe-filho, podem ocorrer problemas e dificuldades, que podem trazer consigo consequências bastante graves para a criança, pois a mesma poderá não conseguir realizar algumas aquisições ou, pode fazê-lo de uma forma deficiente, caso a relação proporcionada não seja de aceitável qualidade.

Foi por volta de 1950 que John Bowlby começou a desenvolver a teoria de vinculação e das perturbações da vinculação. A teoria de Bowlby remete-nos para a relação existente entre a privação ou perda da mãe e o consequente desenvolvimento do indivíduo.

Gleitman, Fridlund e Reisberg (2003), para eles, segundo a teoria de Bowlby, os bebés não se vinculam porque procuram comida ou calor, ao contrário eles nascem com necessidades sociais, tendências inatas para procurar o contacto directo com um adulto, geralmente a mãe e esta interacção social é intrinsecamente reforçante para os bebés.

Este contacto social é agradável para o bebé de diversas formas. Ele tem prazer em interagir com a mãe e aprende rapidamente a reconhecer preferir a voz da sua mãe e até o seu cheiro (McFarlane, 1975; De Casper e Filipe, 1980, *cit. in* Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2003).

Para Bowlby a vinculação desenvolve-se nos primeiros anos de vida com objectivo de aumentar as hipóteses de protecção e de sobrevivência do latente. Esta protecção que é salientada pelo autor tem que ver com a existência de uma proximidade física e de contacto entre a mãe e a criança no início da vida. Caso este contacto não ocorra, poderão aparecer na criança alguns sintomas que são característicos desta situação, sendo que esta poderá desenvolver, posteriormente, uma série de reacções e comportamentos invulgares (Schaffer, 1996).

A procura da proximidade é a alma da vinculação. É a manifestação mais óbvia e sincera nas crianças e, apesar de o sistema vinculativo se tornar uma rede mais complexa de sentimentos, emoções, atitudes e crenças a sua base de evolução e de desenvolvimento é tão simplesmente a necessidade de estar perto do progenitor. O significado biológico deste motivo nos indivíduos indefesos e imaturos é claro: cuidados, protecção e segurança são assegurados, pelo menos se os pais retribuem os sentimentos da criança (Schaffer, 1996).

O estilo de vinculação, vai então levar a que a criança elabore um conjunto de expectativas acerca de si, dos outros e do mundo que correspondem aos padrões de relação que esta estabeleceu com os seus progenitores. Este tipo de representações é designado por Bowlby por modelos internos de funcionamento, sendo que este os descreve como sendo representações mentais, que podem ser conscientes ou não, acerca do mundo e de si mesmo e que ajudam o individuo a perceber os acontecimentos e a antever e traçar planos para o futuro (Schaffer, 1996).

Segundo Maslow (cit. in Lopes 2009), sempre que as necessidades básicas estão satisfeitas, voltam a emergir novas necessidades, cada vez mais elevadas sendo esta a razão que o levou a classificar as necessidades humanas de forma hierárquica.

Esta teoria veio proporcionar importantes contributos, na medida em que desta forma se torna mais fácil compreender que a satisfação das necessidades básicas, que são aquelas que estão presentes ao longo da primeira fase do desenvolvimento ou seja, da infância, é essencial para o bem-estar dos indivíduos pois vão dar lugar ao surgimento das necessidades de estima.

2.3.Importância do auto-conceito

De acordo com Gleitman, Fridlund e Reisberg (2003) a criança começa a ver-se a si própria através dos olhos das figuras importantes do seu mundo e, assim, adquire a ideia de que é uma pessoa.

A medida que as interacções sociais se tornam mais complexas, mas e mais pormenores são acrescidas a auto- imagem. Com efeito, a criança vê-se a si própria através do espelho das opiniões e expectativas desses outros - mãe, pai, irmãos e amigos - que têm importância para ele.

Assim as crianças recebem informações sobre si mesmas dos adultos que as rodeiam. Se o reflexo for positivo, desenvolvem uma avaliação positiva. Se a imagem for negativa, deduzem e passam a acreditar que têm pouco valor.

Considera-se necessário ter um auto- conceito positivo para que o indivíduo consiga uma adaptação adequada, para a felicidade pessoal e para um desempenho eficaz.

O mundo escolar, também, é de grande importância pois a criança passa uma grande parte de seu tempo na escola com seus professores e colegas. Sua aceitação ou rejeição ou os valores que lhes são atribuídos, incidem sobre a formação da sua auto-avaliação.

Quando uma pessoa não possui um auto- conceito adequado, ela não pode abrir-se a suas próprias experiência afectivas e perceber os aspectos desfavoráveis de seu carácter, além disso uma pessoa nestas condições não se mostra como é frente a outros, mas representa papéis que considera oportunos em cada momento. A elaboração dessa imagem começa na infância. Muitas vezes são os pais e familiares que contribuem para a insegurança das crianças e adolescentes. Mas os colegas de escola também atrapalham quando zombam de quem tem pouca habilidade nos desportos ou é trapalhado para escrever ou na hora de fazer contas e acreditamos que alguns professores têm também sua parcela de responsabilidade nesse processo (Marinho, 2011).

Segundo Winnicott (1982, *cit. In* Marinho, 2011), o desenvolvimento emocional saudável depende essencialmente de um ambiente suficientemente bom. Ao se aceitar, respeitar ou amar a criança pelo que ela é, ela tem a oportunidade de adquirir uma atitude de auto aceitação e de respeito para consigo mesma. Com esta atitude possui maior liberdade para desenvolver suas capacidades.

Embora o auto- conceito represente uma necessidade psicológica constante, ele se traduz de formas diferentes nas diversas idades. Em linhas gerais, pode-se dizer que, entre oito e onze anos de idade, ele se apresenta por pequenas realizações concretas. A partir dos onze ou doze anos, o auto- conceito torna-se mais abstracto, começa a basear-se nos traços de sua personalidade, traços que não necessariamente se traduzem em acções concretas.

Uma auto-estima positiva é reflectida em um crescimento e desenvolvimento também positivo e a baixa auto- estima parece estar associada com a depressão, ansiedade e baixa satisfação com a vida.

A escola tem como papel fundamental não somente fazer com que a criança aprenda a lidar com as exigências cognitivas que lhe são cobradas, mas também com a necessidade de se integrar a esse novo mundo social.

Dessa forma, experimentar o fracasso pode gerar um sentimento de insegurança, falta de confiança, agressividade, baixo auto-conceito, dificuldades de ajustamento e de autocontrolo, entre outros. Se a criança que

entra na escola já leva consigo experiências anteriores de fracasso, baseada em suas relações familiares, esse sentimento básico de insegurança poderá se manter (Sisto, 2001)

Toda criança chega na escola com experiências anteriores que já lhe deram uma visão de si mesma. Experiências essas que tanto podem reforçar essa imagem como propiciar experiências que as modifiquem. Os professores, passam a ser também um referencial para a criança. As outras crianças, por sua vez, passam a ser o referencial de análise em tudo o que se é capaz de realizar nesse momento.

Também faz parte de um consenso o facto de que o auto- conceito começa a ser construído na infância. Assim, pode-se dizer que não se nasce com um conceito próprio, predeterminado, mas que ele se desenvolve no decorrer da vida. Dessa forma, o auto- conceito é fortemente influenciado pelas relações sociais que se travam entre o indivíduo e o meio no decorrer de sua existência (Sisto, 2001). Podemos afirmar que é entre os membros de uma família que ocorre o estabelecimento de vínculos, que podem ser harmoniosos, afectivos e solidários ou carregados de raiva e ressentimentos. Assim, é na interacção com os pais que a criança percebe o que se espera dela.

É bem verdade, que um ambiente com limites claros, disciplina, calor e afecto são favoráveis para a formação positiva do auto- conceito.

Uma criança com uma boa auto-estima e confiante nas suas capacidades irá apresentar perante o mundo que a rodeia uma atitude positiva e de descoberta, essenciais para o seu desenvolvimento cognitivo e afectivo. Por outro lado uma criança que não sinta confiança nas suas próprias capacidades, que tenha demasiados medos e se sinta muito insegura, verbalizando frequentemente sentimentos de incompetência, irá diminuir o número de experiências sobre o meio que a rodeia, não arriscando e desistindo, o que trará consequências negativas para o seu desenvolvimento.

À medida que ela cresce, a sociedade começa a impor critérios mais rigorosos e condições para dar amor e aceitação. Se os sentimentos precoces de amor e aceitação recebidos dos pais e de outros cuidadores foram verdadeiros e

saudáveis estarão profundamente enraizados na personalidade da criança de forma que ela terá condições de resistir com mais facilidade às prováveis rejeições, incompreensões e repressões dos anos posteriores.

Da mesma forma, influências negativas presentes na infância (e. g. críticas, rejeições, humilhações, abandono, desvalorizações e perdas) podem conduzir a um baixo auto-conceito.

É importante frisar que a construção dessa percepção negativa de si mesmo é o resultado de interações sociais (familiares, escolares, entre outras), onde a criança vivencia situações onde é colocada numa posição em que se sente inferiorizada e com sentimentos de incapacidade.

Efectivamente, as crianças não decidem como querem ser ou como vão reagir perante determinada situação, mas formam auto imagens baseadas fortemente na forma como são tratadas por pessoas significativas, como os pais, professores, irmãos e amigos. Se as relações estabelecidas nos primeiros anos não forem seguras e gratificantes, a criança poderá tornar-se um indivíduo que age tentando agradar aos outros para evitar rejeições, conflitos e confrontos, construindo um conceito negativo sobre as suas próprias capacidades. Se o nosso objectivo é criar crianças felizes que se transformem em adultos realizados, será então fundamental que estas sintam confiança nas suas capacidades e que gostem de si.

Uma criança que se sinta amada e valorizada, com espaço para aprender com os seus erros e continuar a evoluir, capaz de perceber os limites, mais facilmente se sentirá integrada nos espaços sociais em que se movimenta - família, escola e amigos. Sem um bom auto- conceito positivo, dificilmente ela enfrentará os seus aspectos mais desfavoráveis e as eventuais manifestações externas. Já a criança com auto- conceito positivo é mais activa, desenvolve melhor as competências sociais, tem sentido de humor, participa activamente na vida diária da família e da escola, lida melhor com os erros, sendo globalmente mais feliz, confiante, alegre e afectiva. A felicidade das crianças passa pelo amor, não pelos bens materiais.

Há que estimular a criança mais para o ser do que para o ter. Assim desenvolverá competências emocionais e pessoais que a ajudarão toda a vida a construir mais momentos de felicidade.

Ora, as crianças e os adolescentes que subestimam as suas capacidades têm expectativas negativas acerca da sua realização futura, evitam a acção, pensam que os outros esperam menos deles e percebem os seus esforços e os seus investimentos como menos regulares e eficazes, sobreavaliando o grau de exigência das tarefas de realização e sentindo de forma mais negativa a pressão e as exigências dos vários contextos, bem como as pressões dos outros significativos (pais, professores)

Consequentemente, crianças com auto-estima elevada, em comparação com crianças com auto-estima baixa, geralmente, obtêm melhores desempenhos na escola, se vêem como responsáveis pelos próprios fracassos e sucessos, possuem mais amigos, percebem seu relacionamento com seus pais de forma mais positiva, são mais competitivas e, quando atingem a adolescência, tendem a alcançar uma identidade realizada.

A formação do auto-conceito é um processo lento, que se desenvolve nas experiências pessoais e com a relação dos outros ao seu comportamento.

Segundo Moreira (2001), o auto-conceito se desenvolve a partir dos seguintes critérios:

Da avaliação, aprovação e reforço de figuras significativas, ou seja, transmitir à criança amor incondicional.

Do significado (sucesso) que a criança atribui ao seu próprio comportamento. Encorajar a criança a desempenhar algumas tarefas sozinha, valorizando o seu esforço.

Para Schultz e Schultz (2002) a consideração positiva é um tipo de necessidade que compreende a aceitação, amor e aprovação das outras pessoas, mais especialmente da mãe durante a infância. é crucial para o desenvolvimento da personalidade, o comportamento da criança é direccionado pela quantidade de afecto e amor que lhe são concedidos.

Pessoas que aceitam sua própria natureza de forma realista que possuem auto- percepção e Self ideal congruentes, apresentam maiores probabilidades de aceitar os outros como eles realmente são.

O comportamento dos pais, afecta a auto- imagem de uma criança. Schultz e Schultz (2002), verificaram que os pais que aceitavam seus filhos de modo incondicional tinham filhos com maior auto-estima e maior segurança emocional que pais que fracassavam em aceitar seus filhos e que demonstravam comportamento autoritário

Assim, adolescentes cujos pais fornecem consideração positiva e permitem que eles se expressem sem restrições desenvolvem maior potencial criativo do que aqueles cujos pais não oferecem tais condições (Harrington, Block & Block, 1987, *cit. in* Schultz & Schultz, 2002)

Em suma, o ambiente familiar constitui uma peça chave na formação do auto-conceito de cada criança, sendo que, tal como um ambiente familiar adequado proporciona um elevado auto-conceito, as experiências negativas proporcionadas pela família contribuem para um auto- conceito inadequado do próprio individuo.

2.4.Género e auto – conceito

O género é uma das variáveis mais estudadas quando se estuda o auto-conceito, pois vai implicar diferentes expectativas com a família, com a escola com a sociedade.

Os conceitos de género, isto é, a verificação de que os indivíduos são ou masculinos ou femininos, fazem a sua primeira aparição no segundo ano de vida mas só completa o seu desenvolvimento vários anos a partir de então. Isto deve-se pelo menos três aspectos diferentes envolvidos, cada um dos quais surgindo em diferentes momentos. Slabey e Frey (1975, *cit. In*. Schaffer, 1996) demonstraram que o primeiro conceito a surgir é a identidade do género,

nomeadamente a capacidade de rotular correctamente o Eu e os Outros como masculino ou feminino.

Relativamente as diferenças de género, parece existir um consenso relativamente ao facto de que muitas das diferenças existentes, têm que ver especificamente com dimensões relativas aos estereótipos (Crain, 1996, *cit. in* Shapka & Keating, 2005; Harter, 1999, *cit. In* Silva, 2009), em que os indivíduos do sexo masculino tendem a apresentar um auto- conceito físico mais elevado, sendo que os indivíduos do sexo feminino tendem a apresentar um elevado auto- conceito em áreas mais sociais (Harter, 1999, *cit.in* Shapka & Keating, 2005, *Marsh, 1989, cit in* Silva, 2009).

Segundo Schaffer (1996), o conhecimento do papel dos sexos é demonstrado pelo desenvolvimento de conceitos e estereótipos relativos ao modo como os indivíduos masculinos e femininos se devem comportar e em que actividades se devem empenhar.

Isto é avaliado, por exemplo, lendo uma lista de actividades (costura, luta, culinária, dar beijos, brincar com comboios, etc.) e questionando a criança sobre quem as deveria desempenhar, se um rapaz ou uma rapariga. Também neste caso as provas demonstram que mesmo as crianças muito novas já têm ideias definidas quanto ao que é adequado como masculino e como feminino.

Alguns estudos têm demonstrado, que por exemplo, relativamente a expectativas escolares, é esperado um maior sucesso nos indivíduos do sexo masculino (Dowing, 1982, *cit. In* Silva, 2009).

As pesquisas também têm reconhecido a importância do auto- conceito na vida pessoal, social e académico do indivíduo. Alencar (1979, *cit. in* Cisto, Cunha & Machado, 2007) investigaram as atitudes de alunos em relação à escola, a si mesmo e aos colegas, considerando-se o sexo, status sócio- económico e idade, em sujeitos da primeira série do segundo ciclo fundamental. Observou que os alunos do sexo feminino e os sujeitos mais velhos apresentaram atitudes mais positivas em relação à escola do que os do sexo masculino e os sujeitos mais novos. Quanto ao seu auto- conceito como aluno e atitudes em

relação aos colegas, os sujeitos de nível sócio-económico médio e do sexo feminino apresentaram atitudes mais positivas.

À medida que as crianças crescem, o conhecimento que têm das características próprias do sexo aumenta. De acordo com Bell et al. (1977, *cit. in* Schaffer, 1996), que investigaram a estereotipificação em crianças dos Estados Unidos da América, da Inglaterra e Irlanda, um tal aumento processa-se firmemente ao longo do período compreendido entre os 5 e os 11 anos. No entanto, em todas as idades e nos três países, os estereótipos masculinos desenvolviam-se a um ritmo mais rápido e com mais pormenor do que os estereótipos femininos – porventura devido à maior ênfase que a nossa sociedade coloca na conformidade masculina às expectativas dominantes e à maior liberdade permitida às mulheres na definição do seu papel.

Outros estudos destacam que na interacção com os elementos do sexo feminino, os pais tendem a valorizar os aspectos relacionais, o conformismo, a dependência, enquanto para os rapazes, são enfatizados os aspectos cognitivos e encorajada a assertividade, a aquisição da independência e a criatividade (Rebelo, 2004, *cit. in* Silva, 2009).

Desta forma, o desempenho de diferentes papéis na sociedade, vai influenciar as personalidades dos indivíduos de ambos sexos, na medida em que o sexo masculino se encontra mais focalizado na realização de objectivos, inibindo as emoções, sendo que o sexo feminino é notoriamente mais sensível, compreensivo e emotivo.

Segundo Veiga (1995, *cit. in* Silva, 2009), os resultados encontrados em recentes estudos, demonstram existirem diferenças significativas de auto-conceito entre os dois sexos, sendo que são os elementos do sexo masculino aqueles que apresentam melhores níveis, quando a análise é realizada, percorrendo as dimensões específicas do auto-conceito e não apenas o auto-conceito global.

É de destacar que nas sociedades em que a pertença a um dos sexos é mais valorizada, é compreensível que os elementos pertencentes a esse grupo, apresentem maiores níveis de auto-conceito, quando comparados aos do sexo

oposto. Assim, a posição desfavorecida do sexo feminino pode ser atribuída a expectativas tradicionais estereotipadas, partilhadas pelos homens e internalizadas pelas mulheres.

PARTE II

ENQUADRAMENTO METODOLOGICO

CAPÍTULO II

ASPECTOS METODOLÓGICOS

1.Objectivos

1.1.Objectivo Geral:

O objectivo deste trabalho foi o de avaliar as características psicométricas da versão portuguesa da escala de auto-conceito de Piers Harris para uma amostra da população angolana, apresentando um conjunto de dados normativos preliminares e comparando diferenças de auto-conceito tendo em conta variáveis demográficas.

1.2. Objectivos Específicos:

Avaliar as características psicométricas de fidelidade (consistência interna) e validade (fatorial) desta escala para uma amostra da população angolana.

Apresentar um conjunto de dados normativos preliminares para a população angolana.

Verificar se existem diferenças significativas relativamente ao auto-conceito tendo em conta variáveis demográficas, nesta amostra da população angolana.

2. Questões de Investigação

1. Quais as características de fidelidade (consistência interna e correlação item-total da escala) e de validade (fatorial) deste instrumento?
2. Quais os valores normativos preliminares (média e desvio- padrão dos resultados totais)?
3. Existirão diferenças de auto- conceito de acordo com o género, idade, meio de residência e nível de escolaridade?

3. Metodologia

3.1. Desenho

O desenho de investigação do presente estudo empírico é descritivo, transversal e comparativo na medida em que vai proporcionar informação de um grupo em estudo, avaliado num único momento e comparando resultados de acordo com variáveis-demográficas.

3.2. Participantes

Sendo o objectivo desta investigação a análise do auto- conceito em crianças em idade escolar, escolhemos uma amostra de população das escolas do ensino primário e 1º ciclo do ensino geral dos Municípios de Benguela, Baia-Farta, e Bocoio, da Província de Benguela.

A nossa amostra foi constituída por um total de 450 crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 8 aos 16 anos de idade de ambos os sexos, provenientes de diversos estratos socioculturais. Apresenta-se de seguida uma caracterização dos participantes no nosso estudo de acordo com idade, género e meio de residência.

Tabela 1. Médias e DP por idades

Idade	N	Media	D P	Min- Max
	450	12,37	2,160	8 - 16

A nossa amostra (Tabela 1) caracteriza-se de uma população de 450 crianças, com idades compreendidas dos 8 aos 16 anos, com idade média de 12,37 (DP = 2,160)

Tabela 2. Distribuição por género

Género	Frequência	Percentagem
Masculino	209	46,4
Feminino	241	53,6
Total	450	100,0

A amostra (Tabela 2), caracteriza-se por uma ligeira predominância do sexo feminino, (53,6%) face ao masculino (46,4%).

Tabela 3. Distribuição da Amostra por meio Habitacional

Meio habitacional	Frequência	Percentagem
Urbano	225	50,0
Rural	225	50,0
Total	450	100,0

A amostra (Tabela 3) apresenta uma frequência equitativa em termos de meio habitacional, sendo 225 (50%) crianças que vivem no meio urbano e o mesmo número no meio rural.

3.3.Instrumentos

Para avaliar o auto- conceito das crianças utilizamos a escala de auto-conceito - “ o que acho de mim” tradução portuguesa (Veiga,1989), da *Piers-Harris Children`s Self- Concept Scale* (Piers, 1984).

A escala contém um conjunto de 80 itens, com respostas dicotómicas (sim/ não) e que abordam diferentes aspectos do auto-conceito: comportamento, ansiedade, intelectual e status escolar, popularidade, felicidade e satisfação e aparência física e atributos.

- O aspecto **comportamento** é constituído por 15 itens e pretende avaliar a percepção da criança sobre o seu comportamento.
- O aspecto **ansiedade** é constituído por 12 itens e reflecte as emoções (medos, tristezas, e vergonha)
- O aspecto **intelectual e escolar** inclui 14 itens e traduz a avaliação que o sujeito faz das suas capacidades em tarefas intelectuais e escolares.

- O aspecto **popularidade**, constituído por 10 itens traduz o modo como o sujeito se percebe nas suas relações com os colegas.
- O aspecto **aparência e atributos físicos**, constituído por 6 itens, reflecte as atitudes do sujeito em relação a sua aparência física.
- Finalmente o aspecto **satisfação – felicidade** inclui 7 itens e traduz a satisfação que o sujeito sente por ser como é.

Ao aplicar o questionário, da versão original tivemos que alterar alguns aspectos de forma a adapta-los melhor à linguagem comum em Angola. Foram alterados no item 10 o termo “ testes” por provas, no item 34” sarilhos” por “confusão” e no item 56 ” bulha” por ” luta ou porrada”.

A escala utilizada tem como objectivo avaliar a forma como os sujeitos percebem a sua competência em diferentes domínios e, em última análise, avaliar o seu auto- conceito. Esta escala pode ser administrada de forma individual ou colectiva, sendo que se torna essencial supervisionar de modo a verificar se todos os participantes assinalam apenas uma opção em cada item.

Quanto a fidelidade, a escala de auto-conceito de Piers-Harris apresenta uma boa consistência interna e uma estabilidade temporal adequada.

Os valores da consistência interna oscilam entre 86 e 93. Na adaptação portuguesa os coeficientes de consistência interna oscilam entre 86 e 89.

Quanto a fidelidade teste-reteste, uma revisão dos vários estudos publicados permite concluir que os coeficientes de correlação se situam entre 42 e 96. Veiga (1989) encontrou um coeficiente de 79 que foi retirado da amostra da adaptação portuguesa.

A avaliação da validade desta escala tem sido feita a diferentes níveis. Num primeiro grupo de pesquisas tem-se procurado estudar a relação com outras medidas comportamentais ou da personalidade e com outros instrumentos de medida do auto-conceito, e, os resultados confirmam a um primeiro nível, a validade da escala de Auto-conceito de Piers-Harris. As análises da validade fatorial da mesma, nomeadamente na amostra da população portuguesa, mostram uma estrutura de seis factores (*clusters*) que são os seguintes:

comportamento; intelectual e status escolar; aparência física e atributos; ansiedade; popularidade; e, felicidade e satisfação.

3.4.Procedimento

Procedeu-se à obtenção das permissões para realizar o estudo, junto dos directores das escolas do 1º ciclo Comandante Augusto Chipenda, do ensino primário das Paróquias do S. António e Nossa Senhora da Nazaré do Município de Benguela, da escolas do 1º ciclo do Canto do Município da Baía- Farta e da escola do 1º ciclo do Município do Bocoio.

Em todos os pedidos de autorização, descreveu-se o objectivo do estudo, sendo que se proporcionou também todas as informações acerca da investigação que se pretendia realizar, bem como do procedimento de tratamento dos dados obtidos após a administração e da manutenção do anonimato.

Após a obtenção da autorização junto das entidades referidas anteriormente, nas datas estabelecidas junto das mesmas, procedeu-se á administração individual da escala junto das crianças que pertencem à amostra em estudo.

É de salientar que em cada administração junto de cada criança, o investigador explicou que não existiam respostas certas ou erradas, nem boas ou más respostas e que não existiam respostas certas ou erradas, nem boas ou más respostas e que deveriam responder honestamente de acordo com aquilo que realmente sentem e não como pensam que deveria ser. Posteriormente foram dadas instruções, através do preenchimento do item de exemplo, de como deveriam responder aos posteriores itens. Da mesma forma salientou-se que os dados obtidos eram confidenciais e anónimos e que tinham apenas como objectivo a sua inclusão numa investigação científica, sendo que apenas terá acesso aos resultados, o próprio investigador.

A cada criança foi distribuído um questionário da escala de auto- conceito, onde cada um foi alertado para o facto de que o instrumento deveria estar todo preenchido para ser validado. Para cada contexto havia 80 frases e em cada uma delas, duas alternativas(sim ou não).

Em alguns casos solicitamos aos professores para aplicar o questionário aos seus alunos, a fim de facilitar e ajudar a recolha dos dados.

Posteriormente, recolhemos os dados que introduzimos na base de dados do programa informático Statistical Package for Social Sciences (SPSS), sendo efectuadas análises descritivas e inferenciais, nomeadamente testes t para comparação entre grupos.

CAPÍTULO III

1. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Apresentamos de seguida os resultados de acordo com cada uma das questões de investigação.

Resultados relativos a características psicométricas

Para a análise da fidelidade recorreremos ao cálculo da consistência interna inter itens (alfa de Cronbach) e item-total da escala, tendo obtido um alfa = 0,67 e valores de correlação item-total oscilando entre 0,65 e 0,67.

Validade factorial

A análise factorial inicial por nós efetuada (análise de componentes principais com rotação varimax) aponta para uma solução de 25 fatores ininterpretáveis.

Efetuamos pois uma análise forçada a 6 fatores (tal como encontrados na versão original e na versão portuguesa), tendo encontrado uma solução parcialmente coincidente com a versão portuguesa.

Apresentamos de seguida uma tabela com os resultados da análise factorial forçada a 6 fatores

Tabela 4. Matriz factorial e respetivas cargas

Matriz de componentes (com rotação VARIMAX)						
	Componente					
	1	2	3	4	5	6
1. Os meus colegas fazem troça de mim	,204					
4. Ando muitas vezes triste	,541					
6. Sou tímido	,321					
7. Fico nervoso quando o professor me faz perguntas	,281					
18. Geralmente quero as coisas à minha maneira	,206					
25. Porto-me mal em casa	,334					
28. Sou nervoso	,469					
31. Na escola estou sempre a sonhar	,235					
43. Gostava de ser diferente	,355					
46. Sou sempre dos últimos a ser escolhido para jogos	,304					
47. Ando muitas vezes mal disposto	,549					
57. Sou admirado por rapazes	,371					
61. Quando tento fazer qualquer coisa parece que tudo corre mal	,346					

62. Metem-se comigo em casa	,423	
62. Metem-se comigo	,265	
68. Zango-me facilmente	,512	
74. Muitas vezes tenho medo	,553	
78. Tenho maus pensamentos	,304	
79. Choro facilmente	,513	
15. Sou forte	,492	
16. Tenho boas ideias	,175	
17. Sou um membro importante da minha família	,588	
23. Sei desenhar bem	,303	
24. Sou bom em musica	,450	
33. Os meus amigos gostam das minhas ideias	,219	
35. Em casa sou obediente	,494	
37. Preocupo-me muito	,463	
38. Os meus pais esperam demasiado de mim	,416	
41. Tenho um cabelo bonito	,471	
51. Tenho muitos amigos	,357	
55. Tenho muita energia	,273	
69. Sou admirado por raparigas	,302	
72. Gosto dos meus irmãos	,653	
80. Sou bom	,417	
3. Tenho dificuldade em fazer amigos	,249	
14. Causo problemas à minha família	,430	
22. Faço muitas coisas más	,371	
26. Sou lento a acabar os meus trabalhos na escola	,297	
32. Meto-me com os meus irmãos irmaos	,497	
34. Meto-me muitas vezes em confusões	,392	
40. Sinto-me posto de parte	,422	
42. Na escola, ofereço-me muitas vezes	,453	
45. Detesto a escola	,524	
48. Sou muitas vezes mau para as outras pessoas	,406	
53. Sou burro na maior parte das coisas	,098	
59. A minha familia está desgostosa comigo	,460	
63. Sou chefe nas brincadeiras e nos jogos	,463	
64. Sou desajeitado	,437	
65. Nas brincadeiras e nos jogos fico a ver em vez de jogar	,273	
66. Esqueço o que aprendo	,173	
75. Estou sempre a deixar cair ou partir coisas	,365	
16. Tenho boas ideias		,259
30. Sou capaz de fazer uma boa apresentação oral à turma		,370

39. Gosto de ser como sou	,644
49. Os meus colegas de turma acham que tenho boas ideias	,579
56. Ando muito à luta	,301
57. Sou admirado por rapazes	,371
70. Leio bem	,276
73. Sou jeitoso	,366
76. Sou de confiança	,242
2. Sou uma pessoa feliz	,324
9. Quando for grande serei uma pessoa importante	,342
10. Fico preocupado quando tenho prova na escola	,468
12. Porto-me bem na escola	,411
19. Sou bom a trabalhar com as mãos	,527
21. Sou bom aluno	,307
71. Gosto mais de trabalhar sozinho do que em grupo	,292
77. Sou diferente das outras pessoas	,318
5. Sou esperto	,400
27. Sou um membro importante da minha turma	,372
29. Tenho olhos bonitos	,454
36. Tenho sorte	,413
44. Durmo bem à noite	,363
50. Sou infeliz	,319
52. Sou alegre	,343
54. Sou bonito	,513
60. Tenho uma cara bonita	,556
76. Sou de confiança	,238

Resultados totais para o total da amostra

Tabela 5. Distribuição dos resultados totais na Amostra Total

	N	Media	D P	Min- Max
responderam	393	115,55	6,84	89 - 142
missing	107	-----	-----	-----
total	450	-----	-----	-----

Conforme se pode ver na Tabela 5, responderam o questionário na totalidade 393 crianças, tendo obtido uma média de resultados de 115,55 (DP= 6,84).

Resultados totais por faixa etária

Tabela 6 -Distribuição dos resultados totais por idades

Idade	N	Min	Max	Media	DP
8	22	102,00	132,00	116,72	7,465
9	27	93,00	131,00	115,56	8,500
10	34	92,00	131,00	113,82	8,069
11	60	95	129	115,37	6,139
12	44	106	142	116,79	7,027
13	85	89	127	116,21	6,293
14	52	100	127	116,903	5,381
15	47	97	126	112,53	7,447
16	22	103	128	115,82	5,745

A tabela 6 apresenta a distribuição dos resultados médios obtidos por idade e respetivos desvio-padrão

Tabela 7 -Distribuição dos Resultados Totais por Meio de residência

Meio	N	Media	DP
Urbano	184	116,63	6,48599
Rural	209	114,47	7,03459

A tabela 7 apresenta a distribuição dos resultados médios obtidos por crianças de meio urbano e rural e respetivos desvio-padrão

Tabela 8 -Distribuição dos Resultados Totais por género

Género	N	Media	DP
Masculino	184	116,13	6,46591
Feminino	209	115,04	7,13723

A tabela 8 apresenta a distribuição dos resultados médios obtidos por rapazes e raparigas e respetivos desvio-padrão

Resultados das comparações do auto conceito por género

Tabela 9. Comparação do auto-conceito Global Quanto ao Género

Género	N	Media	t	df	p
Masculino	184	116,13	1,57	391	0,118
Feminino	209	115,04			

Como se pode ver na tabela 9 não existem diferenças significativas de género quanto ao auto-conceito, $t(391) = 1,57, p = 0,118$.

Resultados das comparações do auto conceito por meio de residência

Tabela 10- Comparação do auto-conceito Global Segundo o Meio

Meio	N	Media	t	df	p
Urbano	196	116,63	3,165	391	0,002
Rural	197	114,48			

Como se pode ver na tabela 10, existem diferenças estatisticamente significativas entre meio urbano e rural quanto a auto-conceito, $t(391) = 3,165, p = 0,002$, sendo que as crianças e adolescentes do meio rural (media = 114,48) apresentam um auto-conceito mais baixo do que as de meio urbano (media = 116,63).

Resultados das comparações do auto conceito por idades

Tabela 11- Comparação do auto-conceito global por idades

Idades	N	média	DP	df	F	p
8	22	116,72	7,465			
9	27	115,56	8,500			
10	34	113,82	8,069			
11	60	115,37	6,139			
12	44	116,79	7,027	8	2,085	0,036
13	85	116,21	6,293			
14	52	116,903	5,381			
15	47	112,53	7,447			
16	22	115,82	5,745			

De acordo a tabela 11 encontram-se diferenças significativas entre as faixas etárias ($F(8) = 2,085, p = 0,036$). A análise post-hoc (Tukey) mostra que estas diferenças se situam exclusivamente entre as idades de 14 anos (média = 116,90), a qual apresenta médias superiores à de 15 anos (média = 112,53).

2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados encontrados neste trabalho mostram que a escala de auto-conceito para crianças e adolescentes “O que eu acho de mim”, adaptação portuguesa (Veiga, 1989/1990) da Children’s Self-concept Scale de Piers-Harris (Piers, 1984) apresenta boas características psicométricas de fidelidade e validade para a população angolana, apesar dos valores serem um pouco mais baixos do que os que foram encontrados nas versões original e portuguesa.

Apresentamos também um primeiro ensaio de dados normativos baseados nesta amostra da população angolana, limitados ao resultado global obtido na escala, por género, idade e meio de residência.

Quanto aos resultados das comparações do auto-conceito global de acordo com variáveis demográficas, verificamos o seguinte:

2.1. Comparação dos resultados quanto a idades

As comparações relativas a idades mostram que só existem diferenças estatisticamente significativas entre os 14 e os 15 anos, sendo que as crianças de 15 anos apresentam um auto-conceito mais baixo. Os estudos disponíveis em Portugal suportam a ideia de que não existem diferenças significativas ao nível dos resultados obtidos por sujeitos de diferentes grupos etários, portanto encontramos resultados semelhantes com a amostra angolana.

2.1. Comparação dos resultados quanto ao género

Não encontramos diferenças significativas de género quanto ao auto-conceito, na amostra angolana. De igual modo a amostra portuguesa, quanto aos resultados globais mostra que não existem diferenças entre resultados alcançados por sujeitos do sexo masculino e feminino.

2.3. Comparação dos resultados quanto ao meio de residência

Os nossos resultados apontam para diferenças significativas entre o meio de residência, com as crianças que vivem no meio urbano a apresentarem um auto-conceito mais alto relativamente aquelas que vivem no meio rural, o que

não contraria o estudo feito em Portugal pois este mostra também existirem diferenças nalgumas dimensões do auto-conceito entre crianças do litoral e do interior, corroborando com a opinião de Sisto, Cunha e Machado (2007) que crianças de nível social mais baixo apresentam auto-conceito mais negativo.

A minha opinião, é que, pelo facto das condições socio-economicas dos Municípios do interior serem ainda precárias o que afecta a vida social dos pais e consequentemente a vida psico-social e afectiva das crianças, influenciando portanto negativamente no auto-conceito.

Esta constatação leva-nos a concluir que pelo facto dessas crianças residirem em zonas mais recônditas afecta um pouco o seu auto -conceito, o que permite pensar que se o meio não é favorável, a criança não terá maior consciência das suas qualidades e limitações para lutar e obter melhores condições de vida e proporciona-lhe melhor imagem de si mesma.

3. CONCLUSÕES

Este estudo do auto- conceito tornou-se necessário devido a sua grande influência no desenvolvimento da personalidade da criança. A investigação neste contexto, sendo pioneira no nosso País, é sem dúvida, uma necessidade, dada a falta de dedicação ao tema, e a enorme importância do mesmo. Assim, a realização deste estudo teve como principal propósito testar as características psicométricas da Escala de Auto-conceito para Crianças e Adolescentes “*O que eu acho de mim*”, fornecendo um primeiro conjunto de dados normativos, disponibilizando assim um instrumento de medida do auto-conceito em crianças e adolescentes para utilização por Psicólogos angolanos. Por outro lado, pretendemos comparar o auto-conceito total, tendo em conta as variáveis género, idade e meio de residência.

Os resultados a que chegamos permitem concluir que:

- a. A Escala de Auto-conceito para Crianças e Adolescentes “*O que eu acho de mim*” apresenta boas características psicométricas de fidelidade e validade, podendo ser utilizada na população angolana.
- b. Os dados normativos preliminares agora obtidos, não obstante apresentarem limitações relacionadas com terem sido baseados unicamente nos resultados totais e não acrescidos dos resultados por fator e com a limitação a uma província de Angola, permitem no entanto uma primeira aproximação a ser ampliada em estudos posteriores mais abrangentes.
- c. No que se refere às comparações do auto conceito de acordo com variáveis demográficas, pudemos constatar que existem diferenças no auto conceito quanto ao meio de residência, com as crianças de meio urbano a apresentarem melhor auto-conceito do que as crianças de meio rural e quanto a idades, limitada às idades de 14 e 15 anos, com as crianças de 15 anos a apresentarem um auto-conceito mais baixo. Não constatamos diferenças de género.

Apesar das limitações já apontadas, esperamos ter contribuído com um instrumento útil à prática clínica, sendo que não damos por terminados os nossos trabalhos, considerando que será importante ampliar este estudo a diferentes províncias de Angola, comparando-as até entre si, dada a dimensão do país e as diferenças de culturas entre províncias, podendo-se assim contribuir para o estabelecimento de normas nacionais e por regiões.

BIBLIOGRAFIA

- Carneiro, G., Sisto, M. & Fernandes, F. (2003). Auto- conceito e dificuldades de aprendizagem na escrita, Psicologia e Critica, [www.scielo.br/](http://www.scielo.br/scielo) scielo.
- Cunha, C. & Sisto, F. (2007). Auto- conceito e reconhecimento de palavras em crianças do ensino fundamental. Avaliação Psicológica, Porto Alegre, Brasil.
- Dias, M. & Fontaine, A. (2001). Tarefas desenvolvimentais e bem-estar de jovens universitários. Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Eco, H.(1997).Como se faz uma tese em ciências humanas, Editorial presença.
- Faria, Luísa (2005). Desenvolvimentos do auto -conceito físico nas crianças e nos adolescentes, Analise Psicológica, Porto, Portugal
- Ferreira, A. (2006). A relação entre auto- conceito e desempenho escolar em crianças e adolescentes. USP, SP.
- Gleitman, H., Fridlund, J. e Reisberg, D. (2003). Psicologia, 6ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian- Lisboa
- Marinho, R. (2011). Estudo do auto -conceito em crianças de 7- 9 anos com e sem dificuldades de aprendizagem, Instituto Isabel, Brasil
- Moreira, P. (2001). Ser professor: competências básicas... 2, diferenciação emocional, cognitiva e comportamental auto-conceito e auto-estima. Porto Editora
- Piers, E. & Harris, D (1969), tradução Portuguesa de Veiga, F, 1989, texto de apoio- Serviço de Defectologia- Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra.
- Schaffer, H. Rudolph (1996). Desenvolvimento social da criança, Instituto Piaget.
- Schultz, P. & Schultz, E. (2002), Teorias de personalidade. Edição Cengage Learning

Silva, B. (2009). O auto- conceito em crianças e adolescentes numa amostra de famílias de origem e famílias de acolhimento, monografia final de curso, Porto, Portugal.

Silva, F. (2011). A importância do auto conceito. [http:família. Sapo. Pt/ crianca/ emoções/ coisas de crianca](http://família.sapo.pt/crianca/emoções/coisas_de_crianca)

Sisto.F. F. (2001). Aprendizagem e mudanças cognitivas em crianças. Petrópolis: Vozes

Sprinthall, A. & Sprinthall, C. (1993),Psicologia Educacional, uma abordagem desenvolvimentista.Editor McGraw –Hill de Portugal, L.da.

ANEXOS

Anexo - I

0 QUE EU ACHO DE MIM

ESCALA DE AUTO CONCEITO DE PIERS- HARRIS

Idade _____

Sexo _____

Escola _____

Município _____

Data _____

1-Os meus colegas fazem troça de mim-----
sim-----não

2-Sou uma pessoa feliz-----
sim-----não

3- Tenho dificuldades em fazer amigos-----
sim-----não

4-Ando muitas vezes triste-----
sim-----não

5-Sou esperto-----
sim-----não

6-Sou tímido (a)-----
sim-----não

7-Fico nervoso (a)quando o professor me faz perguntas-----
sim-----não

8-Não gosto do meu aspecto-----
sim-----não

9-Quando for grande serei uma pessoa importante-----
sim-----não

10-Fico preocupado (a) quando temos prova na escola-----
sim-----não

11-Sou mal visto (a)-----
sim-----não

12-Porto-me bem na escola-----
sim-----não

13-Quando alguma coisa corre mal geralmente a culpa é minha-----
sim-----não

14-Causo problemas a minha família-----
sim-----não

15-Sou forte-----
sim-----não

16-Tenho boas ideias-----
sim-----não

17-Sou um membro importante na minha família-----
sim-----não

18-Geralmente quero as coisas a minha maneira-----
sim-----não

19-Sou bom (boa) a trabalhar com as mãos-----
sim-----não

20-Desisto facilmente-----
sim-----não

21-Sou bom (boa) aluno (a)-----
sim-----não

22-Faço muitas coisas más-----
sim-----não

23-Sei desenhar bem-----
sim-----não

24-Sou bom (boa) em música-----
sim-----não

25-Porto-me mal em casa-----
sim-----não

26-Sou lento (a) a acabar os meus trabalhos na escola-----
sim-----não

27-Sou um membro importante na minha turma-----
sim-----não

28-Sou nervoso (a)-----
sim-----não

29-tenho olhos bonitos-----
sim-----não

30-Sou capaz de fazer uma boa apresentação oral em frente da turma-----
sim----não

31-Na escola estou sempre a sonhar-----
sim-----não

32-Meto-me com o (s) meu (s) irmão (s) e minha (s) irmã (s)
-----sim-----não

33-Os meus amigos gostam das minhas ideias-----
sim----não

34-meto-me muitas vezes em confusão-----
sim----não

35-Em casa sou obediente-----
sim-----não

36-Tenho sorte-----
sim-----não

37-Preocupo-me muito-----
sim-----não

38-Os meus pais esperam demasiado de mim-----
sim----não

39-Gosto de ser como sou-----
sim-----não

40-sinto-me posto (a) de parte-----
sim-----não

41-Tenho cabelo bonito-----
sim-----não

42-Na escola ofereço-me muitas vezes-----
sim----não

43-gostava de ser diferente-----
sim----não

44-Durmo bem a noite-----
sim----não

45-Detesto a escola-----
sim----não

46-sou sempre dos últimos a ser escolhido (a) para jogos-----
sim-----não

47-Ando muitas vezes mal disposto (a)-----
sim-----não

48-Sou muitas vezes mau (má) para as outras pessoas-----
sim-----não

49-Os meus colegas de turma acham que eu tenho boas ideias-----
sim-----não

50-Sou feliz-----
sim-----não

51-Tenho muitos amigos-----
sim-----não

52-Sou alegre-----
sim-----não

53-Sou burro (a) na maior parte das coisas-----
sim-----não

54-Sou bonito (a)-----
sim-----não

55-Tenho muita energia-----
sim-----não

56-Ando muito à luta-----
sim-----não

57-Sou admirado (a) por rapazes-----
sim-----não

58-As pessoas metem-se comigo-----
sim-----não

59-A família está desgostosa comigo-----
sim-----não

60-Tenho uma cara bonita-----
sim-----não

61-Quando tento fazer qualquer coisa, parece que tudo corre mal-----
sim-----não

62-Metem-se comigo em casa-----
sim-----não

63-Sou o (a) chefe nas brincadeiras e nos jogos-----
sim-----não

64-Sou desajeitado (a)-----
sim-----não

65-Nas brincadeiras e nos jogos fico a ver em vez de jogar-----
sim-----não

66-Esqueço a que aprendo-----
sim-----não

- 67-Dou-me bem com as pessoas-----
sim---não
- 68-Zango-me facilmente-----sim---
não
- 69-Sou admirado (a) por raparigas-----
sim---não
- 70-Leio bem -----sim---
não
- 71-Gosto mais de trabalhar sozinho (a) do que em grupo-----
sim---não
- 72-Gosto do meu irmão / minha irmã-----
sim---não
- 73-Sou jeitoso (a)
-----sim---não
- 74-Muitas vezes tenho medo-----
sim---não
- 77-Sou diferente das outras pessoas-----
sim---não
- 78-Tenho maus pensamentos-----
sim---não
- 79-Choro facilmente-----
sim---não
- 80-Sou bom (a)-----
sim---não

Anexo II

A O

EXMO DIRECTOR DA ESCOLA

ASSUNTO: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA DE DADOS

Os nossos respeitosos cumprimentos.

MARIA DO CEU CHINGANOVE CHIMBEYA SOUSA, estudante do Instituto Superior de Ciências da Saúde- Norte (Gandra/ Portugal), candidata ao grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Salde;

Venho por este meio requerer a vossa Exa. Se digne autorizar a realização do trabalho de investigação intitulado: Auto conceito em crianças e adolescentes da Província de Benguela, com aplicação de um questionário aos alunos de vossa instituição escolar.

Benguela, 20 de Janeiro de 2011

Maria do Céu Chinganove Chimbeia Sousa

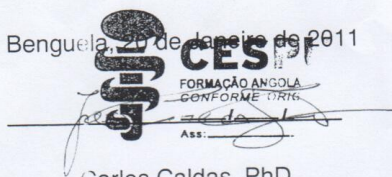
Anexo III



Declaração

José Carlos da Silva Caldas, Doutorado em Psicologia e Professor Auxiliar do Instituto Superior de Ciências da Saúde - Norte (Gandra / Portugal), declara ser o orientador de **Maria do Céu Chinganove Chimbeya Sousa** na realização do trabalho de investigação intitulado: **“Auto-conceito em crianças e adolescentes da Província de Benguela/Angola”**, no âmbito da sua candidatura ao grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde pelo Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte, Gandra/Portugal, investigação esta que implica a aplicação de um questionário a crianças.

Benguela, 20 de Janeiro de 2011


Ass: _____

Carlos Caldas, PhD

Professor Auxiliar

Departamento de Psicologia Clínica

Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte

(CESPU, crl.)